



Pesquisa

PALHAÇOS EM HOSPITAIS

- Brasil/Mundo -



PALHAÇOS EM HOSPITAIS
- Brasil/Mundo -

Realização

Centro de Pesquisa e Desenvolvimento

Coordenação

Morgana Masetti

Pesquisa

Edson Lopes

Revisão

Zernesto Pessoa, Morgana Masetti e Edson Lopes

Edição

Edson Lopes

Colaboração

Daiane Carina e Renata Truzzi



SUMÁRIO

Métodos.....	4
Análise.....	7
Organizações	19
Conclusão.....	27



Métodos.

Após a finalização da pesquisa Palhaços em Hospitais/Brasil em 2003, analisados seus resultados e revisados seus métodos, o Centro de Estudos Doutores da Alegria deu início em julho de 2003 ao desenvolvimento da fase internacional. Algumas alterações foram feitas no material básico da pesquisa, como no questionário e nas maneiras de buscar as organizações, para que, desta maneira, desse conta da realidade dos grupos fora do contexto nacional e que pudesse responder a todas as interrogações da pesquisa. Inicialmente o questionário foi traduzido para o inglês; imaginava-se, desta maneira, a possibilidade de atingir maior número de leitores. Junto com o questionário era enviada uma carta de apresentação do projeto e seus objetivos. Para os países de língua espanhola, os questionários foram enviados em inglês e português. Depois o material foi traduzido para o francês, pretendendo-se atingir ao público francês, suíço e belga. Em 2004 a tradução para o italiano foi finalizada e disponibilizada.

As organizações que passaram a fazer parte do banco de dados foram coletadas por meio de pesquisas por *sites* de buscas (*google, uol, msn, etc.*), *links* e indicações. Cada *site* consultado teve suas informações impressas, compondo um arquivo com dados como objetivos, métodos e endereços, adicionados em tabelas em formatos *Excel* e *Word*. Publicações, *folders*, artigos foram arquivados em pastas. Todo este material está disponível para consulta no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento.

Além deste acervo os questionários foram enviados por *e-mail* ou correio para cada organização. Contamos com 124 *sites* referentes a organizações em todo o mundo e 120 endereços de *e-mail*. De outras 10 organizações possuímos apenas referências ao logradouro e de outras 2 possuímos apenas número de telefone. 18 referências são bastante intrigantes para esta pesquisa: trata-se de palhaços que individualmente anunciam seus serviços na internet para animação de festas e eventos, mas se referindo sempre à realização de algum tipo de atividade filantrópica em hospitais. Destes não temos nenhuma outra informação além do contato, que em nada nos favoreceu, já que não obtivemos retorno.



Destes casos, registram-se 7 nos EUA, 3 na Alemanha, 3 na Itália, 2 na França, e 1 em Porto Rico, Suécia e Canadá.

Ao todo foram enviados 120 *e-mails*. Destes, 52¹ retornaram; entre as correspondências 10 foram devolvidas por erro de endereço ou falta de informações. Curiosamente, estas mesmas informações foram retiradas de *sites* oficiais. Outras tantas correspondências e *e-mails* nunca foram respondidos. Algumas organizações, ao contrário, respondiam *e-mails* prontamente, informando-nos, muitas vezes, de enganos na associação de suas atividades com atividade de palhaços em hospitais, mas elogiando nossa iniciativa; vez ou outra indicavam organizações conhecidas. Entre estas, recebemos resposta de Moshe Cohen de São Francisco, que se dizia interessada pela pesquisa, mas que não poderia responder ao questionário porque o Clowns Without Border não trabalhava com palhaços em hospitais naquele momento, embora tivesse planos para isso no futuro. Também o Clown One, da Itália, justificou não realizar trabalhos em hospitais e informou que atualmente desenvolve projetos em missões de paz. O programa Clown One realiza o que chama de *clown tour*: passaram em 2002/2003 pela Bósnia-Herzegovina, em 2002 pelo Afeganistão e em 2004 pela China e Tibete (www.clowns.it). A organização Sparadrap afirmou não poder responder ao questionário mas enviou nossa mensagem para o Le Rire Médecin, imaginando que não tivéssemos este contato. Outra resposta de *e-mail* interessante foi a de uma representante do Bataclown da França, uma escola de teatro e de formação de palhaços que também realiza o *clown analysis*, quando palhaços vão a conferências ou encontro de negócios para dar o seu ponto-de-vista. A Bataclown também informou que fizeram a leitura da versão brasileira da pesquisa, interessando-se pelo treinamento e aspectos dos palhaços aqui do Brasil. Publicam a revista semestral *Culture Clown* de divulgação de cultura clown .

A COOPi-Ragazzi de Bucareste informou-nos que embora realize o trabalho de palhaços esporadicamente, preferiria não responder ao questionário. A ClinicClowns Voralberg também justificou o não preenchimento do questionário, enviado para a sede da Cliniclowns da Áustria, que respondeu por todas as sedes. Alguns respondiam aos *e-mails*

¹ Ainda 19 endereços de *e-mail* foram corrigidos e reenviados.



justificando a demora no preenchimento e envio dos questionários, de outros nunca recebemos os questionários respondidos. Há, também, aqueles *e-mails* que por algum motivo enviavam respostas automáticas, referentes a uma ausência de seu titular.

Por estas comunicações estabelecemos vínculos bastante diversos com cada organização. Na Espanha, contamos com o apoio de Alex Navarro, produtor da ClownPlanet que divulgou pequena nota (em português e inglês), no site www.clownplanet.com.es, referente à pesquisa. Na Itália, conquistamos a amizade de Adriana Patelli, integrante da Onlus, que afora os mil convites para que fôssemos visitar a Itália, gentilmente aceitou a tarefa de traduzir o questionário para o italiano, revisando a tradução com outros parceiros ainda desconhecidos. Também nos ajudou a divulgar a pesquisa pela Itália, indicou algumas organizações, apresentou o questionário à diretora da Onlus e ainda cedeu seu contato pessoal para intermediação com outras organizações. Nos Estados Unidos, ninguém foi mais receptiva e paciente do que Shobi Dobi, editora da *Hospital Clowns Newsletter*. Seu trabalho não é exatamente como doutora-palhaço em hospital, mas possui uma das maiores divulgações sobre palhaços, distribuída a quase todos os continentes. Entre suas mil tarefas e a edição solitária do *Hospital Clowns Newsletter*, sempre encontrava um tempinho para responder aos nossos *e-mails* e esclarecer dúvidas. No Peru, contamos com a amizade de Dr. Palomina, carioca que compõe a equipe da Bolaroja e que, depois de muita insistência para a entrega do questionário, tornou-se colega via internet.

O levantamento de organizações no exterior já havia sido feito desde 2002. Esperava, porém, a conclusão da fase Brasil, para que fosse utilizado mediante aplicação de questionário a cada organização localizada. De início fizemos uma tradução do questionário para o inglês, traduzimos o relatório da fase anterior e divulgamos este relatório na internet, para que fosse consultado e ganhasse credibilidade entre os grupos.

Pensávamos mesmo que o tamanho do questionário influenciaria muito. Todos sabem do impacto que é receber pelo correio ou por *e-mail* um questionário grande, cheio de perguntas e lacunas para se preencher. Foi composto de 50 questões distribuídas em oito



partes: I. A organização, II. Sobre a organização, III. Sobre os palhaços, IV. Sobre as visitas, V. Sobre a organização e o hospital, VI. Financiamento das organizações e suas atividades, VII. Mídia e VIII. Sobre a Divulgação. Não é um material pequeno, mas simples de se responder. Como este questionário não é aplicado pessoalmente, contou-se com a disposição de vários membros de cada organização para preenchê-lo, por isso o alto número de mensagens prometendo as respostas em breve.

Análise.

Dar início a uma pesquisa que pretendia abranger instituições fora das fronteiras do Brasil, além de se mostrar um plano utópico, de início parecia loucura. Como acharíamos cada grupo? Conhecíamos alguns, mas como entrar em contato com a maioria deles? A internet ajudou um pouco e nos fez respirar aliviados no início. Mas era só o começo. Sabíamos ainda de uma gama de outras organizações que não poderiam ser localizadas pela internet, por não possuírem *sites* ou por não contarem com nenhum artigo ou texto publicado, por não ser indicado por *links* ou matérias. Algumas outras organizações ou colegas informavam da existência de um grupo. Para localizar por *sites* de busca foram selecionadas as seguintes palavras: *clowns*, *clown*, *doctor-clown*, *docteur-clown*, *payasos*, *payaso*, *pagliaso*, entre outras. Esta pesquisa nos levava desde a animadores de festas, textos em que as palavras selecionadas apareciam, até a palhaços em hospitais. Nem sempre chegávamos aonde queríamos. Adicionar palavras a um campo de pesquisa dá apenas pequenas pistas. Além de buscadores nacionais como o *google*, *uol*, *msn*, *yahoo*, foram utilizados buscadores locais italianos, franceses etc. Nestas pesquisas foram encontrados desde *sites* com biografias de alguns palhaços famosos, museus virtuais de circo, *sites* pessoais, *sites* de teatros, que vez ou outra possuíam *links* de alguma organização de *clowns*, e aí tínhamos uma pista. Desta maneira chegamos às esparsas organizações que fazem parte da nossa base de dados. Acreditamos que haja muito mais do que pudemos localizar. De algumas organizações temos o nome, de outras endereço completo, de outras só *e-mail*, algumas possuem histórico, objetivo etc. Tínhamos que nos



contentar com estas informações, ora usando de *e-mail*, ora usando os serviços de correio e muito poucas vezes o telefone, por diferenças de idioma e custos. Talvez, seguindo passos como estes, outras organizações busquem fazer um mapeamento semelhante, o que pode favorecer a facilidade de se trocar informações posteriormente.

Durante a busca pelas organizações notamos que muitas outras ênfases, além da aplicação e análise de questionários, poderiam ser dadas numa pesquisa como esta. Poderíamos seguir, por exemplo, uma avaliação da caracterização dos palhaços de cada organização, já que a maioria dos *sites* possuía fotografias, ou porque boa parte das correspondências enviadas eram acompanhadas de *folders*, fotos e outros documentos. Não foi, porém, o interesse do presente texto. Focamos a organização e seus modos de funcionamento, objetivos, atuação e institucionalização, que nos interessa neste momento. Reparar na forma como o profissional se utiliza da máscara é indicativo da concepção de palhaço e trabalho em hospitais que cada palhaço individualmente ou a organização possui e desenvolve. Muito pode ser estudado neste sentido. Ainda poderíamos nos dedicar a uma análise das informações veiculadas por cada organização ou sobre suas publicações, que são parte de suas produções. Em sua maioria esses *sites* possuem uma estrutura muito parecida. Muitos possuem fotografias, uma abertura com o nome da instituição e menu (objetivo, histórico, links, contatos etc.). Nunca deixam de divulgar os patrocinadores e colaboradores. Outras instituições foram localizadas por terem sido citadas em matérias de organizações filantrópicas e privadas e em artigos de mídia. Geralmente estes textos apresentam a organização e um pouco sobre seu objetivo e modo de trabalhar. As características dos *sites* são material para análise à parte.

Uma grande referência para qualquer interessado, organização ou pesquisador do tema ‘palhaços de hospitais’, é a publicação impressa *Hospital Clown Newsletter*, publicada desde 1998 por Shobi Dobi em Emeryville, Califórnia. Ela é dedicada a ampliar o cuidado humorístico com a saúde, reconhecendo a diversidade da comunidade “clownesca” e as muitas possibilidades de palhaços e atuações, seja em hospitais, asilos, hospícios, prisões, etc. Nos últimos números a publicação vem privilegiando a divulgação de ações de palhaços que desenvolvem trabalhos em locais arrasados por guerras, como Irã,



Malásia, Afeganistão etc. É publicada em inglês, impressa em formato de jornal e distribuído por correio para o mundo todo².

Recebemos questionários dos seguintes países europeus: França, Alemanha, Espanha, Itália, Áustria, Bélgica e Portugal. Das Américas, contamos com o retorno de questionários do Canadá, EUA, México, Peru, Uruguai e Colômbia. Apenas uma referência diz respeito a uma ONG australiana, *The Humour Foundation* (www.humourfoundation.com.au), fundada em 1997 por J.P. Bell e pelo Dr. Peter Spitzer, para ‘promoção de benefícios do riso para saúde’. A essência do projeto são os doutores palhaços. A ênfase da instituição está, como eles mesmos dizem, na interação mais do que no entretenimento, beneficiando pacientes, familiares e profissionais de saúde. Atende 6 hospitais e trabalha em hospitais psiquiátricos de Adelaide e Sidney. Em 2000 estiveram no Timor Leste e em 2002 numa campanha no Afeganistão. Nota-se que muitos grupos fora do Brasil têm essa preocupação com a experiência da guerra. Soubemos da existência de um grupo em Hong Kong, não localizado por nós e um em Israel, que até o momento do encerramento do prazo de finalização da pesquisa não deu retorno aos nossos questionários. Sabemos que não tendo nenhuma referência de palhaços de hospitais na África e Ásia, talvez tenhamos que nos empenhar em outro momento somente em mapear estes continentes, usando outras estratégias. Ou então pensar quais as referências que o palhaço possui no ocidente e oriente, distintamente? No que diferem suas características e os contextos a que pertenciam?

Na Argélia, o jornal *Le Souke*, do clube de estudantes da Faculdade de Medicina de Argel, divulga algumas atividades esporádicas de palhaços voluntários. Mas trata-se de organização de eventos para crianças doentes realizada pela equipe do jornal. Estas jornadas são chamadas de *Sourie aux enfants malades*, para as quais são programadas diversas atividades e recreações, incluindo palhaços ou não; desde 2002 já foram realizadas

² Em seus primeiros números esta publicação tinha como título: *Hospital Clown newsletter: the gentle art of the caring clown*. Mas a partir de seu número 4 teve o título modificado para: *Hospital Clown Newsletter: a publication for clowns in community and world service*. www.HospitalClown.com, P.º Box 8957, Emeryville, Califórnia 94662.



17 destas jornadas em diferentes hospitais.³ Não é necessariamente um programa de palhaços “visitadores”.

As organizações que responderam aos questionários são as seguintes: Federazione VIIP (ViviamiInPositivo Onlus); Dr. Clown; Association Théodora; Asociación Payasospital; Associação de Apoio à Criança Nariz Vermelho; Cliniclowns Oberösterreich; La Sonrisa Médica; Big Apple Circus Clown Care Unit; Asociación SER (Salud, Entretenimiento e Recreación); Clown Interactive; UTMB Volunteer Caring Clowns; Le Treffle à 4 Clowns; Doc Willikers Therapeutic Clown Programme; Le Regard du Clown; Child Life Clown Program; Children’s Hospital; Klinikclowns Heilbronn; Clowns in Diest; Lauchmuskel-Klinikclowns; Flotta und Company; Les Clowns de L’Espoir; Socorso Clown PSC Sociale Onlus; Hopi-Clown; Vivre aux Éclats; Asociación Bolaroja; The Humour Foundation; Risaterapia A.C.; Medidlaun-Payasos Hospitalarios; Fundación Doctora Clown; Le Rire Médecin; The Therapeutic Clown Program e Fools for Health.

Tabela I – organizações por países.

Valores	Qt. cit.
França	18,8%
Canada	15,6%
alemanha	12,5%
Espanha	9,4%
Colômbia	6,3%
Itália	6,3%
USA	6,3%
Austrália	3,1%
Austria	3,1%
Bélgica	3,1%
México	3,1%
Peru	3,1%
Portugal	3,1%
Unidade States	3,1%
Uruguai	3,1%
TOTAL	100%

Fonte: pesquisa Palhaços em Hospitais, 2004.

³ Cf. www.lesouk.org



Em geral as atividades dos palhaços de hospitais pesquisados se dirigem a crianças e adolescentes (22,5%) internados ou de passagem por hospitais; e a seus parentes e acompanhantes e profissionais dos hospitais, de um modo geral. Na realidade, todas as figuras que se cruzam nos hospitais e cruzam o espaço do palhaço, são envolvidas na interação que esse cruzamento exige e expõe. Nenhum grupo respondeu a esta questão (II.7) no questionário, isolando uma alternativa, já que a questão permitia múltiplas escolhas. Todas as organizações selecionaram o trabalho com crianças e adolescentes. Vale atentar para o fato de um número considerável de organizações (11,3%) desenvolverem atividades para pessoas portadoras de deficiências⁴.

Tabela II – público a que se dirige o trabalho das organizações

público alvo	Qt. cit.	Freq.
crianças/adolescentes	32	22,5%
adultos	12	8,5%
idosos	10	7,0%
pessoas portadoras de deficiências: física ou mental	16	11,3%
profissionais de saúde	19	13,4%
parentes/acompanhantes	27	19,0%
funcionários do hospital de um modo geral	26	18,3%
TOTAL CIT.	142	100%

Fonte: pesquisa palhaços em hospitais, 2004

Um dos padrões que utilizamos desde a realização da pesquisa na sua fase Brasil era a distinção entre grupos de profissionais e de amadores, para tanto, definimos duas variáveis importantes nesta distinção, que indicassem o tipo de especialização dos palhaços e a remuneração pelo trabalho realizado. Bons indicativos são os pré-requisitos para contratação dos palhaços de cada organização. Encontramos entre todos os grupos apenas 6 organizações que não exigem nenhuma formação artística para uso da máscara e

⁴ Pelo menos 8 organizações ou equipes de palhaços estão originalmente ligadas a setores de hospitais universitários, incluindo em suas atividades estudantes de áreas da saúde, funcionários ou voluntários, tendo a iniciativa partido de setores universitários ou de departamentos do hospital. No Canadá são: Hospital for Sick Children, M.I.R.T.H. Unit, University of Windsor-Fools for Health Program; e nos EUA: Children's Hospital, Gesundheit Institute, Rochester General Hospital Foundation, Students Clown Doctors Program e UTMB Clown Program.



linguagem do palhaço. Acreditamos que o significado e o sentido da máscara para organizações que não exigem nenhum requisito seja totalmente diferente daqueles que exigem dos palhaços cursos acadêmicos, por exemplo. Mas não podemos afirmar que esta variação se expõe nos resultados do trabalho, já que as questões abordadas no questionário não são capazes de dar conta da qualidade do trabalho de cada organização. Pelo menos 56% das organizações exigem algum tipo de especialização formal na área das artes cênicas ou da máscara do palhaço. Chamamos de formal: curso de teatro, curso específico de palhaço e curso acadêmico de artes cênicas. Vale atentar para o fato de 29 % das organizações exigirem uma experiência circense e de autodidatismo, experiências bastante tradicionais na Europa, por exemplo. Optamos pelo uso da palavra profissão: *1. ato ou efeito de professar. 2. declaração ou confissão pública de uma crença, sentimento, opinião ou modo de ser. 3. atividade ou ocupação especializada, e que supõe determinado preparo. 4. ofício. 5. profissão que encerra certo prestígio pelo caráter social ou intelectual. 7. meio de subsistência remunerado resultante do exercício de um trabalho, de um ofício. 8. ofício religioso.* Optamos pelo uso desta palavra por sua designação de ocupação ou trabalho especializado e remunerado. É neste sentido que distinguimos as organizações, mas se consideramos profissionais as organizações que exigem palhaços com formações autodidatas e circenses, as consideramos de outra maneira, informal em especialização. Ao total, 75% das organizações assalariam os palhaços que trabalham nos hospitais.

Tabela III- pré-requisito para seleção de palhaços.

pré-requisito.	Qt. cit.	Freq.
nenhuma formação artística	6	6,0%
curso de teatro	18	18,0%
curso específico de palhaço	24	24,0%
curso acadêmico de artes cênicas	14	14,0%
circo	9	9,0%
autodidatismo	14	14,0%
outros	15	15,0%
TOTAL CIT.	100	100%

Fonte: pesquisa palhaços em hospitais, 2004



Os responsáveis pela remuneração destes profissionais são em sua maioria, a própria organização (65,6%), que captou sua verba de maneiras diversas, principalmente através de doações de empresas — e neste caso utilizam-se (37,5%) de leis federais de incentivo — e doações individuais. Muitas vezes, as fontes de recursos partem da própria organização, que cria diferentes produtos para aumentar recursos financeiros; realização de espetáculos (21,7%), promoção de eventos (15,9%) e venda de produtos (14,5%). Para 9,4% das organizações, o hospital é o responsável pela remuneração dos palhaços e apenas um caso tem o governo como responsável pela remuneração.

Tabela IV- origem dos recursos financeiros.

a)

origem de recursos	Qt. cit.	Freq.
empresas	24	19,0%
bancos	8	6,3%
fundações	17	13,5%
governo	10	7,9%
sindicatos	1	0,8%
doações individuais	27	21,4%
hospitais	11	8,7%
outras ONGs	2	1,6%
fundos internacionais	2	1,6%
investimento da própria equipe	13	10,3%
outros.	11	8,7%
TOTAL CIT.	126	100%



b)

fonte de recursos da própria org.	Qt. cit.	Freq.
Não resposta	9	13,0%
realização de cursos	13	18,8%
promoção de eventos	11	15,9%
realização de espetáculos	15	21,7%
venda de produtos	10	14,5%
consultorias	7	10,1%
outros.	4	5,8%
TOTAL CIT.	69	100%

Tabela V- horizontal: se os palhaços são assalariados; vertical: pré-requisito para contratação do palhaço.

os clowns são assalariados?	sim	não	TOTAL
pré-requisito.			
nenhuma formação artística	4,2% (1)	62,5% (5)	18,8% (6)
curso de teatro	75,0% (18)	0,0% (0)	56,3% (18)
curso específico de palhaço	83,3% (20)	50,0% (4)	75,0% (24)
curso acadêmico de artes cênicas	58,3% (14)	0,0% (0)	43,8% (14)
circo	37,5% (9)	0,0% (0)	28,1% (9)
autodidatismo	50,0% (12)	25,0% (2)	43,8% (14)
outros	50,0% (12)	37,5% (3)	46,9% (15)
TOTAL	100% (86)	100% (14)	100% (100)

Fonte: pesquisa palhaços em hospitais, 2004

Embora grande parte das organizações trabalhe com profissionais especializados, 93,8% ainda treinam os palhaços para adequar a linguagem da máscara às necessidades do trabalho em hospital. Em geral, os hospitais, fornecem orientações (93,8%) especiais sobre o trabalho, os pacientes e o modo de se atuar naquele espaço.

A caracterização dos palhaços é um elemento primordial. De um modo geral, cada palhaço é responsável por seu figurino (22,8%), que foi criado e é desenvolvido ao longo da carreira do palhaço e aprimoramento da “personagem”. Ao figurino, em 11,8% das equipes, o equipamento médico compõe, junto com outros adereços: brinquedos, fantoches e instrumentos musicais (21,3%) a caracterização do palhaço e também de sua forma de



trabalhar. O uso de adereços uniformemente, para todos os palhaços, só é exigido para 7,4% das organizações; no geral (92,6%) os palhaços são livres para comporem os adereços que quiserem ao seu visual e repertório pessoal. Após a visita, 56,3% das organizações afirmam que distribuem doce, adesivos ou algum outro tipo de brinde.

Tabela VI- tipo de caracterização dos palhaços nos hospitais.

tipo de caracterização	Qt. cit.	Freq.
figurino tradicional de palhaço(nariz vermelho,peruca e sapatos largos)	7	5,1%
figurino próprio de cada palhaço	31	22,8%
jaleco/uniforme do hospital	9	6,6%
uniforme da organização	10	7,4%
equipamentos médicos	16	11,8%
nariz	27	19,9%
adereços variados (brinquedos,fantoches	29	21,3%
instrumentos musicais)	1	0,7%
outros.	6	4,4%
TOTAL CIT.	136	100%

Fonte: pesquisa palhaços em hospitais, 2004

Os artistas ainda se valem de técnicas musicais (17,4%), fantoches e marionetes (17,4%), mágicas (16,3%), mímica (14,5%), malabares (15,7%) e leitura de histórias (12,8%). Estas técnicas, em sua maioria, fazem parte do repertório (93,8%), como também fazem parte de um investimento em reciclagem artística, desenvolvida em todas as organizações pesquisadas. As técnicas são utilizadas como apoio à atuação (81,3%) e em 9,4% dos casos os artistas possuem maestria sobre elas, tomando-as como indispensáveis para a atuação.

81,3% das equipes de palhaços interagem com seu público-alvo em duplas, visitando leito a leito, individualmente, cada pessoa internada. É considerável, também, o número de organizações que têm seu trabalho apresentado nos corredores dos hospitais (30,3%) e em enfermarias e ambulatórios (15,7%), atingindo maiores públicos, e de uma só vez. Mas todos caracterizaram essas interações, independentemente do espaço em que ocorrem, estando de acordo com as circunstâncias de cada leito, enfermaria, ou



ambulatório. Para 90,6% das organizações é muito claro que o palhaço deve esperar a permissão de cada paciente para iniciar a interação. Há apenas um caso em que a organização declara que seus palhaços se apresentam independentemente da vontade do paciente e um caso em que o hospital divulga um horário de apresentação para todo o público. O número de visitas realizadas por dia varia muito, mas em 71,9% dos casos são mais de 20 visitas por dia; também 71,9% das organizações despendem de 3 a 5 horas de trabalho por dia de trabalho. As visitas ocorrem uma vez por semana para 34,4% das organizações, até 3 vezes por semana para 12,5% delas e mais de 4 vezes por semana para outros 12,5%.

As organizações, em 34,5% dos casos, fecham a parceria com a instituição hospitalar e apresentam como requisito, além do critério de leitos ocupados (18,8%) ou leitos pediátricos (9,4%), outros critérios (34,4%). Este critério é estabelecido ou pela organização isoladamente ou juntamente com os hospitais em 96,9%. No geral são as organizações que procuram o hospital e apresentam o projeto (71,9%), mas também o hospital, algumas vezes, procura uma organização de palhaços (18,8%) para desenvolver alguma atividade, ou porque já conhece o projeto e seus efeitos, ou por querer validar-se da experiência. As parceiras mais recentes se firmaram há seis meses antes de a organização responder e as parcerias mais antigas, encontram-se há mais de seis anos.

Tabela VII- tempo das parcerias estabelecidas entre organizações e hospitais

a)

tempo da parceria mais antiga	Qt. cit.	Freq.
Não resposta	2	6,3%
de 1 a 3 anos	2	6,3%
de 3 a 6 anos	19	59,4%
mais de 6 anos.	9	28,1%
TOTAL CIT.	32	100%



b)

tempo da parceria mais recente	Qt. cit.	Freq.
Não resposta	2	6,3%
menos de 6 meses	7	21,9%
de 6 meses a 1 ano	3	9,4%
de 1 a 3 anos	9	28,1%
de 3 a 6 anos	9	28,1%
mais de 6 anos.	2	6,3%
TOTAL CIT.	32	100%

Fonte: pesquisa palhaços em hospitais, 2004

De 1º de julho de 2002 a 31 de julho de 2003, as organizações realizaram, em média, menos de 100 visitas (12,5%), de 101 a 5000 (62,6%) e mais de 5000 (34,4%). Trata-se de uma média estabelecida, tendo em conta que cada organização possui uma data diferente para seu ano de fundação.

Tabela VIII- número de visitas realizadas de 2002 a 2003.

número de visitas de 2002 a 2003	Qt. cit.	Freq.
Não resposta	1	3,1%
menos de 100	4	12,5%
de 101 a 500	6	18,8%
de 501 a 1000	2	6,3%
de 1001 a 5000	8	25,0%
mais de 5000.	11	34,4%
TOTAL CIT.	32	100%

Fonte: pesquisa palhaços em hospitais, 2004

A maior parte das organizações (96,9%) se interessa pelos resultados das suas atividades e avalia estes resultados de maneiras diversas, através de ferramentas como: relatórios do hospital, conselho, ou funcionários responsáveis (17,3%), entrevistando médicos/funcionários e diretores (22,1%), consultando pacientes (11,5%), consultando parentes e visitantes (12,5%), encontros periódicos com profissionais do hospital



responsáveis pela avaliação (15,4%), aplicando pesquisas e questionários para o público em geral, consultando reclamações nas ouvidorias dos hospitais (1,0%) e outras maneiras não definidas (10,6%).

No que se refere à avaliação, considerando-se as formações e habilidades artísticas dos palhaços nos hospitais (96,9%), utiliza-se das seguintes ferramentas: relatórios periódicos dos palhaços (20,5%), avaliação da assiduidade do trabalho (12,9%), entrevistas individuais (12,9%), entrevistas coletivas (15,9%), observação periódica das atuações nos hospitais (18,2%), avaliação das habilidades (12,9%) e outros (3,8%).

Ainda como avaliações conta-se a prestação de contas das atividades, presenças, resultados, de hora/trabalho da organização para com o hospital, que acontece para 78,1% das organizações.

Entre os materiais para divulgação dos projetos ou da própria organização, encontram-se: *site* (31,5%), projetos escritos (26%) e *folders* (20,5%); só duas organizações já publicaram livros⁵. Entre as publicações periódicas contam com boletins impressos (27,3%) e eletrônicos (9,1%); 48,5% não possuem nenhuma publicação.

⁵ Há uma publicação sobre o trabalho do Le Rire Médecin publicada em 2001 em co-autoria entre Caroline Simonds e Bernie Warren. *Le Rire Médecin: journal du docteur Girafe*. Paris, Albin Michel, 2001. Ao responder ao questionário, Bolaroja, do Peru, cita possuir uma publicação sobre a organização. Ao consultar os integrantes, verificamos que houve um erro no preenchimento da questão referente à publicação. Há também uma publicação do instituto Gesundheit: Mareen Mylander. *Gesundheit!: Patch Adams*. Canadá, Healing Arts Press, 1998.



Organizações.

Paysos sin Fronteras: Os Palhaços sem Fronteiras é uma organização sem fins lucrativos e seu objetivo é melhorar a situação psicológica de populações — especialmente crianças — que vivem em campos de refugiados, zonas de conflitos e territórios em situação de alarme, emergência ou com problemas de desenvolvimento, sem nenhuma discriminação de raça, sexo, religião ou ideologia política. Fundada em 1993 na Espanha, após experiência do artista Tortell Poltrona em Savudrija na Croácia no projeto “Education for Peace”.

www.clowns.org; psfa@clowns.org

Clowns In Diest: É uma associação sem fins lucrativos e seu objetivo é cooperar com instituições como hospitais levando alegria para o coração de crianças e idosos. Fundada em 1999 em Rottenburg na Alemanha, constantemente se qualifica, treina e supervisiona seus palhaços.

info@clowns-im-dienst.de

The Therapeutic Clown Program: É uma organização sem fins lucrativos que em parceria com os profissionais do The Hospital for Sick Children de Winnipés, Canadá, procura através de jogos e humor minimizar o stress de pacientes e familiares durante a hospitalização e tratamento. É uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1993 dentro do Child Life Department.

www.sickkids.ca/therapeuticclownprogram ; joanbarrington@sickkids.ca

Klinikclowns Heilbronn: É uma organização sem fins lucrativos e cooperativa de profissionais das artes cênicas que pretende a promoção da saúde a partir da visitação de



palhaços a crianças hospitalizadas. Foi fundada em 2001 em Heilbronn, na Alemanha.
linikclowns.hn@slk-kliniken.de

Child Life Clown Program: É uma organização governamental que submetida ao Child Life Department mantém o Health Sciences Centre para aumentar a possibilidade de qualidade do cuidado interdisciplinar da saúde dando ênfase particular às necessidades psicossociais das doenças, pacientes e seus familiares. Foi fundado em 1989, os palhaços fazem parte do corpo de profissionais do Children's Hospital de Winnipeg.
alangdon@hsc.mb.ca

“Doc Willikers” Therapeutic Clown Program: É uma iniciativa privada sem fins lucrativos que pretende encorajar resultados positivos na atitude de crianças hospitalizadas e seus familiares. Foi fundada em 1994 por Paul Hooson que após conhecer o trabalho do Clown Care Unit de New York, transportou o mesmo conceito para o hospital regional de Bowen Island no Canadá.
docdodo@hotmail.com

Fundacion Doctora Clown: É uma fundação sem fins lucrativos que trabalha para melhorar e potencializar a saúde emocional de crianças hospitalizadas na Colômbia, dando prioridade aos direitos das crianças, construindo um espaço onde os médicos possam realizar suas criatividade e todas suas habilidades profissionais, integrando o palhaço ao mundo mágico das crianças. Criada em 1998 desde lá atendeu a mais de 39500 crianças na Colômbia.
www.doctoraclown.org; doctoraclown@hotmail.com

Mediclaun – Payasos Hospitalarios : É uma organização sem fins lucrativos que busca atuar com a criança hospitalizada, partindo do jogo, riso e imaginação, favorecendo a expressão de seu mundo interior e o desenvolvimento de sua autonomia, visa uma maior



relação com os personagens do hospital e familiares. É formada por profissionais do teatro, música e artes plásticas, foi fundada em 2001 e é única em Antioquia na Colômbia.

mediclaun@latinmail.com

Risaterapia: É uma associação civil sem fins lucrativos que pretende desdramatizar instituições de saúde estimulando através de animações a crianças hospitalizadas, seus familiares e equipe médica que os atende, por meio de voluntários que visitam leito a leito esses pacientes. Foi fundada em 1999, por Andrés Aguilar que trabalhou como palhaço em um circo norte americano e após ser convidado a visitar caracterizado a um hospital para fazer publicidade, deu-se conta dos inumeráveis benefícios que os palhaços levam aos hospitais. Os primeiros “Médicos de La Risa” foram estudantes universitários de diferentes carreiras, que visitavam o hospital Federico Gómez; em 2003 inaugurou o Centro de entretenimento para o entretenimento.

www.risaterapia.com; risaterapia@risaterapia.com

The Humour Foundation: É uma fundação sem fins lucrativos para promoção dos benefícios do humor para a saúde. O projeto central da Humour Foundation é o Clown Doctor, palhaços que trabalham em parceria com profissionais da saúde. Fundada em 1997, tem se voltado a crianças em hospitais, a hospícios e programas de paz, visitando Timor Leste e Afeganistão.

www.humourfoundation.com.au; info@humourfoundation.com.au

Fools for Health: É uma organização sem fins lucrativos cuja missão principal é promover a saúde e bem estar em hospitais através de músicas, jogos de improvisação e humor, desenvolver e valorizar as práticas do clown e pesquisar modelos de melhores práticas. Fundada em 2001, teve como modelo o Big Apple Circus/Clown Care Unit, iniciou o trabalho com adultos em uma unidade de reabilitação em Western Campus of Windsor Regional Hospital no Canadá.

www.foolsforhealth.com; clowndr@mnsi.net



Hôpi-Clown: É uma associação sem fins lucrativos que se volta para crianças tentando tornar a passagem pelo hospital pediátrico mais confortável, através de jogos, música e interação de palhaços. Os palhaços também podem acompanhar as crianças antes ou após uma intervenção cirúrgica, tentando fazer a criança esquecer por alguns momentos que está no hospital. Criada em 1995, inspirada pela “Mecredi dês Enfants”, possui um conselho científico composto por médicos, enfermeiras e psicólogos que escreveram um código de ética para os voluntários e específico modo de treiná-los.

www.hopiclown.be; info@hopiclown.be

Flotta und Company: É uma associação sem fins lucrativos que define sua missão como quebra de rotina de hospitais através da risada. Fundada em 1999 por Feldman Betina, atua em 2 hospitais em Fürth na Alemanha.

info@clown-projekt.com

UTMB Volunteer Caring Clowns: É um projeto do Hospital Universitário do Texas, existente desde 2001 e formado por funcionários do hospital que criaram o programa após a visita de um palhaço à crianças internada em 2000.

basaenz@utmb.edu

Asociación PayaSOSPital: É uma organização sem fins lucrativos que pretende melhorar a qualidade de vida de crianças hospitalizadas, desdramatizando o espaço e oferecendo momentos de relaxamento e distração através do humor. Fundada 1999 inspirados na experiência do Clown Care Unit. Forma permanentemente os palhaços no plano artístico e nos temas médicos, hospitalares e psicológicos, para que possam trabalhar em um meio tão específico como são os serviços pediátricos de um hospital.

www.paysospital.org; payasos@teleline.es



Clown Interactive: É uma fundação sem fins lucrativos que propõe prover a comunidade da veia clownesca na educação e saúde. Foi criada em 2000 e organizada em torno dos benefícios que o palhaço pode oferecer na educação da comunidade. Atua em Washington nos EUA. cip4@msn.com

Asociacion SER (Salu- Entretenimento e Recreação): É uma associação sem fins lucrativos que baseia seu trabalho no conceito de que boas emoções produz endorfinas no corpo, hormônio que ajuda na imunidade. Tem essa aposta desde 1998 quando deram início ao trabalho com palhaços no hospital Pereira Rossell em Montevideo no Uruguai. correo@gruposer.org

Association Théodora: É uma associação sem fins lucrativos cujos palhaços visitam semanalmente crianças em hospitais de paris. Foi fundada na Suíça por André e Jan Poulie em 1993 em memória de sua mãe Theodora. Tem se expandido para 8 países; na França, a associação Theodora foi criada em 2000. Conta com 21 palhaços que visitam por ano 28000 crianças em 6 hospitais.

www.theodora.org; contact.france@theodora.org

Associação de Apoio à Criança – Nariz Vermelho: É uma Associação sem fins lucrativos que tem como missão apoiar crianças e jovens hospitalizados, através de ações em hospitais. Existe desde 1993, quando Beatriz Quintella começou a trabalhar como voluntária em vários hospitais da região de Lisboa. Em 2001 o projeto ganhou apoio da Glaxo Smithkline e, então, ganhou caráter profissional com a atuação de mais dois palhaços, que hoje fazem parte do núcleo de coordenação. Só a partir de 2002 constituiu-se como Associação de Apoio à Criança – Nariz Vermelho, cujo principal projeto é a Operação Nariz Vermelho.

www.narizvermelho.pt; narizvermelho@sapo.pt

CliniClowns Oberösterreich: É uma organização sem fins lucrativos criada em 1991, inspirada pelo trabalho de Patch Adams que percorreu Vienna, Brussels e outras cidades anteriormente.



www.ciniclowns.info; claniclowns@pga.at

La Sonrisa Médica: É uma associação sem fins lucrativos que realiza atuações regulares de palhaços profissionais em hospitais, para transformar este espaço e a experiência da criança. Foi fundada em 1994 por Miguel Borrás, inspirado pelo trabalho do Le Rire Médécin. Hoje está em Mallorca e Palma na Espanha.

www.sonrisamedica.org; sonmed@sonrisamedica.org

Big Apple Circus Clown Care: Criado em 1986 por Michael Christensen em parceria com a equipe do Hospital infantil Columbia-Presbyterian Medical Center. Usando mímica, música, magia e humor, os palhaços especialmente treinados levam a brincadeira clássica do circo para o leito de crianças hospitalizadas. Hoje conta com 90 profissionais que frequentemente atuam em 17 hospitais.

www.bigapplecircus.org; ewngate@bigapplecircus.org

Lê Treffe à 4 Clowns: É uma associação sem fins lucrativos cujos palhaços visitam crianças estabelecendo jogos e brincadeiras durante o período de hospitalização. Foi fundada em 1998 a partir de um curso oferecido por Marie H elene Valdant (fundadora), aonde as pessoas foram treinadas e selecionadas para compor a equipe de palhaços que atuaria em hospitais. Hoje, a associação atua em um hospital de Dijon na França. (sem site)

Federazione VIIP (ViviamoINPositivo ONLUS):   uma associação sem fins lucrativos que, além da atividade do palhaço de hospital voltada a crianças e adultos, envia seus palhaços a missões de paz, desenvolve cursos de formação para palhaços voluntários e ainda mant m a Casa da Esperança, abrigo para crianças. A associação foi criada em 1997, mas são a partir de 2000   que foi criada uma equipe de voluntários, que caracterizados de



palhaços, passaram a atuar no Hospital Martini. Hoje, atende a cerca de 100 hospitais em toda Itália.

www.clownterapia.it; presidenzavipitalia@ibero.it

DR. Clown: É uma associação sem fins lucrativos que tem como missão melhorar a qualidade de vida de pessoas hospitalizadas e reduzir o nível de stress pela cumplicidade e insentivo do imaginário. A associação foi fundada em 2004, forma seus artista terapeutas, coleta documentos sobre a prática de artes terapêuticas, pesquisa sobre os elementos terapêuticos do riso e da presença clownesca e procura trocar informações e experiências com associações de palhaços doutores do Canadá e do mundo. Atua em Québec, Canadá.

www.drclown.ca; info@drclown.ca

Vivre aux éclats: É uma associação sem fins lucrativos que realiza intervenções regulares de palhaços profissionais junto a crianças e adolescentes em hospitais. Desde 1999 atua no Centre Medical Pédiatrique de la Maisonnée e desde 2002, no Hospital Fougeraie à St. Didier ou Mont dor.

vivre.aux.eclats.free.fr; vivre.aux.eclatsanadoo.fr

Le Rire Medecin: É uma associação sem fins lucrativos que além de pretender melhorar a qualidade de vida de crianças em hospitais, tem acumulado das observações sobre o mundo médico uma outra visão sobre o paciente e não pretende trabalhar à parte destes profissionais, mas sensibilizá-los às suas ações. Foi inspirado no Big Apple Circus Clown Care Unit, onde Caroline Simonds, trabalhou por três anos como “clown-doctor” com o nome de Dra. Georgette Girafalaff. Graças ao financiamento da Fundação Florence Gould em março de 1991, Caroline Simonds junto com Anne Vissuzaine (Dra. Chou – Fleur), apresentou o projeto de Rire Médecin ao Hospital de Paris. Hoje conta com importantes parcerias como da Fondation Crédit Lyonnais, Ministère de la Cultura e Fondation de France.

www.leriremedecin.asso.fr; rirmed@club-internet.fr



Asociación Bolaroja: É uma organização sem fins lucrativos cujo principal objetivo é colaborar com profissionais de saúde na recuperação de pacientes de alas pediátricas, através de humor, ou o que nomeiam *risaterapia*. Wendy Ramos, antes de fundar a Bolaroja, trabalhava com o grupo Pataclown e numa revisão de seus caminhos, cruzou com Eric Bont (curso de palhaço), com os Cliniclowns da Holanda e Pupaclown da Espanha. Mas a Bolaroja só foi surgir em 2002, depois de muitas negociações e trocas de cartas com os grupos europeus.

www.doctoresbolaroja.com; doctoresbolaroja@doctoresbolaroja.com

Soccorso Clown : É uma cooperativa de artistas profissionais. Teve origem da Associação Clown Aid, a partir do projeto Clown in Corsia para formação de palhaços profissionais na Itália. A Soccorso Clown deu continuidade a este projeto e hoje possui seu método exclusivo de formação, contando com a experiência do diretor artístico Vlad Olshansky. Entendendo que o riso e o divertimento fazem parte da vida diária e natural, usam do poder terapêutico do bom humor entre crianças hospitalizadas.

www.soccorsoclown.it; info@soccorsoclown.it

Lê Regard du Clown: É uma associação sem fins lucrativos que forma seus palhaços para a animação em hospitais. Foi criada em 1996 e atua em Paris.

legardduclown@libertysurf.fr

Les Clowns de L'Espoir: É uma associação sem fins lucrativos que tem como missão melhorar a qualidade dos dias das crianças de diferentes hospitais pela intervenção regular de palhaços. Foi criada em 1996 na França.

lesclownsdelespoir@nordnet.fr



Conclusão

Nos limitamos aqui à brevidade de algumas comparações entre as duas fases (nacional-internacional) da pesquisa. Apontam para resultados completamente diferentes. As organizações disseminadas pelo Brasil possuem características e formas de trabalhar bastante diferentes daquelas mapeadas no exterior, desde a variedade de objetivos, missões, até as técnicas. Percebemos que a grande influência para os grupos foram as experiências de grupos como Clown Care Unit (Nova Iorque), Le Rire Médecin e a divulgação do trabalho de Patch Adams, que ganhou grande repercussão a partir da publicação de seus livros e do filme “Patch Adams: O amor é contagioso”, dirigido por Tom Shadiac. Mas nota-se que Patch Adams é citado como referência principalmente entre grupos latino-americanos e de formação recente, assim como para boa parte das organizações no Brasil, enquanto na Europa e Canadá as referências são atribuídas ao Clown Care Unit / Big Apple Circus e Le Rire Médecin. Praticamente todos os *sites* de organizações de palhaços de hospitais possuem *links* que encaminham o navegador ao *site* do Big Apple Circus ou Le Rire Médecin, além de outras organizações já bem sucedidas, como os Doutores da Alegria.

Ao todo a pesquisa aponta para aproximadamente 1110 palhaços atuantes em hospitais até 31 de julho de 2003 (592 homens e 518 mulheres), distribuídos entre as 32 organizações que participaram da pesquisa. São ao todo 300 os hospitais que contavam com programas de visitas de palhaços a pacientes até julho de 2003. Além dos palhaços, ao todo, somam-se 1172 pessoas que trabalham nestas organizações em setores administrativos ou com outros



projetos. No Brasil, entre 57 organizações pesquisadas, o número de palhaços se aproximava a 613 em 2002. Cada mapeamento de organizações, pelo Brasil e pelo mundo, registrou respectivamente 180 (até dezembro de 2002) e 136 (até julho de 2003) organizações. Na primeira contamos com 57 questionários respondidos e na segunda 32.

A grande distinção entre as organizações brasileiras e estrangeiras é o número de palhaços profissionais e a predominância do palhaço com formação (curso de teatro, curso específico de *clown*/palhaço e curso acadêmico) como pré-requisito para a contratação de integrantes das equipes. As organizações estrangeiras em 56% privilegiam esse pré-requisito e 75% assalariam sua equipe, enquanto no Brasil localizamos 19 equipes (de 57 organizações), que em 2003 caracterizamos como “palhaços-atores”. Usamos primeiro a definição de palhaços-atores de acordo com a formação e agora usamos a caracterização palhaços profissionais, não querendo designar que são palhaços profissionalizados especificamente para o hospital, palhaço é palhaço, poderia estar em qualquer lugar, esta distinção só vale para designar que este ator possui uma formação e é remunerado pelo seu trabalho, como acontece, por exemplo, com os atores dos Doutores da Alegria no Brasil. Naquela pesquisa, pelo menos 45,65% das organizações possuíam palhaços com algum curso específico de *clown* e, destes, 24,6% já eram formados por algum curso acadêmico de teatro ou outro curso técnico. Na revisão do questionário aplicado à última fase da pesquisa, incluímos um tipo de questão que inquire sobre a remuneração do trabalho. Uma questão parecida não havia no nosso primeiro questionário, utilizado para grupos no Brasil.

Outra distinção interessante entre as organizações nacionais e internacionais é o tipo de meta planejada para os próximos anos. As organizações no exterior privilegiam aumentar a capacidade de captação de recursos (19,4%), expandir a atividade artística de palhaços para outros hospitais (18,5%) e consolidar-se (17,6%). O aprimoramento da formação artística aparece em quarto lugar, com 11,1% das citações. No Brasil os resultados são diferentes: em primeiro lugar vem o interesse pelo aprimoramento administrativo e consolidação das organizações (23,5%), depois a expansão (22,4%) e desenvolvimento de ações de captação de recursos (22,4%). O aprimoramento da formação artística também só aparece em quarto lugar, com 18,8% das citações. Grande parte das organizações se vale de recursos para



captação que ainda não são muito utilizados aqui no Brasil, como a realização de cursos e consultorias. As organizações no Brasil privilegiam a realização de espetáculos, eventos e vendas de produtos. Embora a caracterização dos palhaços, as imagens, origens e inspirações pareçam semelhantes, notamos que lidamos com organizações bastante diferentes, tanto no modo de trabalhar, nos métodos e exigências, quanto em sua organização. Mas a figura principal é a mesma, o palhaço; é dele que parte toda a atividade.

Como citado anteriormente, talvez tenhamos que nos empenhar, em outro momento, na busca por referências em países asiáticos e africanos. Talvez as estratégias tenham que ser outras. Talvez esta proposta seja melhor desenvolvida com organizações trabalhando em conjunto. É justamente com a publicação dos resultados das duas fases da pesquisa que pretendemos fazer notar a outras organizações a importância de se conhecer o trabalho que é realizado pelas diversas equipes de palhaços de hospitais ao redor do mundo, suas transformações e resultados. Como entre organizações brasileiras, insistimos na possibilidade de se estabelecer uma rede entre organizações de palhaços, proposta já encabeçada por algumas equipes, mas bastante limitada pelas dificuldades diárias da falta de contato.

Uma vasta produção estuda e pesquisa os efeitos terapêuticos do riso, ora lançando mão de atributos psíquicos, ora fisiológicos. Já no século II Galeano observou que as mulheres alegres saravam mais rápido que as tristes. Diferentemente de toda a Idade Média, que localizava o sorriso como desforra do diabo.⁶ Hoje, pesquisas médicas apostam nos benefícios do riso, naquilo que ele altera o comportamento do organismo. Existe um suporte científico para pelo menos três tipos de intervenções: a comicoterapia passiva, a parcialmente ativa e a ativa. Na primeira o paciente não escolhe os tempos e conteúdos da intervenção (shows e apresentações cômicas). Na segunda o paciente escolhe o material cômico e os tempos (por exemplo assistir a um filme cômico). Na terceira o doente é ajudado a pesquisar e produzir sua comicidade. São em pesquisas como essas que se fundamentam muitas organizações de palhaços por todo o mundo, vinculando a finalidade do trabalho às transformações terapêuticas de que o hospital e o paciente podem tirar

⁶ Cf. Georges Minois. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo, Editora UNESP, 2003.



proveito. Muitas vezes os trabalhos são muito diversos em formação e objetivos, mas estão sob o guarda chuva do mesmo nome. No Brasil, a maior parte das organizações fala em minimizar as conseqüências da enfermidade e das condições que a cercam num hospital, através da atuação de palhaços. E, claro, não se deixa de mencionar que o objetivo é levar alegria, porque a alegria é o meio, é a ferramenta, o instrumento. A pedra de toque, também, para os grupos brasileiros, é a humanização hospitalar, pela propagação que este movimento ganhou a partir da promulgação do Programa Nacional de Humanização Hospitalar pelo Ministério da Saúde, e a partir de uma popularização do tema. Só em alguns casos é relevante o entretenimento no hospital e o trabalho das artes cênicas isoladamente. Em nenhum caso, entre as organizações estrangeiras, é citada essa preocupação pelo tema da humanização. Não diretamente, poderíamos dizer. Mas por boa parte das organizações é citada a preocupação pela alteração da qualidade de vida de internados em hospitais. Vale atentar a que tanto o tema da qualidade de vida e o tema da humanização hospitalar não estão descolados dos índices e padronizações de desenvolvimento humano, onde a razoabilidade de uma situação está apontada pela possibilidade de ela ser isolada em um cálculo. Ainda há outras organizações que, à maneira dos grupos brasileiros, selecionam entre seus objetivos a promoção da saúde, os benefícios do humor, o alívio dos efeitos da doença e das situações que ela envolve em um hospital (estresse, rotina, ansiedade, etc.), transmitindo alegria, melhora do conforto, melhora da saúde emocional e situação psicológica. Só em alguns casos é citado o interesse em transformar ou modificar o modo como é encarado o paciente no hospital ou a preocupação integral com a formação do palhaço. Vê-se que os grupos se multiplicam, popularizando um tipo de terapia. Georges Minois reconhece que “hoje, os centros de terapia pelo riso multiplicam-se por todos os continentes. (...) Terapias com palhaços são utilizadas há tempo nas clínicas para crianças, mas os tratamentos e as sessões para adultos multiplicam-se, com associações como O Riso Médico, em Paris”⁷.

Como bem analisou Gilles Lipovetsky⁸, estamos imersos em uma sociedade humorística e tudo encoraja a esse humor, o riso é onipresente nos meios de comunicação, requer-se

⁷ Idem, pp. 616-617.

⁸ Cf. Gilles Lipovetsky. “A sociedade humorística” in *A Era do Vazio*. Lisboa, Antropos, 1990.



simpatia e elogiamos os méritos das risadas, suas virtudes terapêuticas, suas forças corrosivas diante dos integristas e dos fanatismos. Para ele o aumento do vazio existencial e a progressiva valorização do riso são fenômenos paralelos.

Para Veronica Bestelli⁹, mais que *clownear* (atuar como palhaço) é necessária uma lógica *clownesca* onde a manifestação artística e cultural do arquétipo do palhaço seja trabalhada. Ela propõe não um retorno a uma tradição do palhaço, mas um confronto que permita a renovação desse imaginário. Combater a máscara estéril do palhaço seria deslocá-lo do discurso da representação do qual fala Lipovetsky para o da sua verdadeira função que é o da qualidade de relação humana. Para isso deveríamos nos conectar ao sentido da palavra comédia: Komos, que remete aos cortejos festivo dos seguidores de Dionísio, que aconteciam à noite nos bosques. Os participantes, na maioria mulheres, escravos e camponeses, entravam nas cidades acordando as pessoas e lembrando a eles a existência de um mundo diverso da ordem estabelecida. Estes cortejos, malvistas pelas autoridades da época, foram proibidos, sendo relegados às representações teatrais. Com isso dois elementos importantes do ritual se perderam: as pessoas comuns deixaram de ser protagonistas e as mulheres perderam direito de expressão. Separado do elemento feminino e sensual, o cômico, na época, tornou-se menos perigoso e seu caráter político foi domesticado.

A atividade de palhaços em hospitais no mundo veio para ficar. Isso é delimitado pelo número de palhaços, forma de organização, profissionalismo e duração das organizações no tempo. Resta saber se ela servirá à essência da existência do palhaço: propor relações diversas da ordem estabelecida. O desafio está na possibilidade desta atividade de mostrar seu caráter *komos*. Na luta que se trava entre a representação estéril da máscara aprisionada por uma sociedade consumista e a possibilidade de encontrar um caminho potente de desenvolvimento na sociedade atual.

⁹ Referência ao texto “Il Clown tra rinnovamento e profanazione” enviado ao Centro de Pesquisa e Desenvolvimento para publicação em fevereiro de 2005.



DOUTORES DA ALEGRIA
Arte, Formação e Desenvolvimento

Patrocínio:



Apoio Institucional:

